

**Publicidade, Jovens e Tecnologia –
para pensar as conexões digitais e as relações face a face¹**

Mariângela M. Toaldo²
Vitória Oliveira de Souza³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Resumo

O presente texto propõe refletir em que sentido as práticas de conectividade digital – as “maneiras de fazer” (DE CERTEAU, 1994) nesse âmbito – afetam as relações que acontecem face a face, no contexto de vida *offline* dos jovens. Apresenta-se narrativas dos jovens sobre suas práticas em torno dos dispositivos digitais a partir das ponderações propostas por meio das condutas exibidas no filme Vivo – “usar bem, pega bem”. Para pensar os reflexos de suas práticas para as relações que desenvolvem, oferece-se a visão de três pesquisadoras que se dedicam a estudar o tema: Nancy Baym (2010), Sherry Turkle (2011) e Danah Boyd (2014). Trata-se de estudo qualitativo (BAUER e GASKELL, 2002), baseado em pesquisa bibliográfica, documental e discussão em grupo (MÉNDEZ, 2004), com análise axiológica (OROZCO, 1993).

Palavras-chave: Publicidade; Jovem; Tecnologia; Dispositivos digitais; Relações face a face.

1- Introdução – aspectos teórico-metodológicos

O presente texto deriva de uma pesquisa maior intitulada “Publicidade e Ética – o olhar do jovem sobre questões éticas e morais presentes nas abordagens publicitárias”. A pesquisa tem como objetivo geral analisar percepções expressas por jovens gaúchos sobre questões éticas e morais presentes nas mensagens publicitárias; busca compreender, também, o que pensam sobre as abordagens publicitárias que tratam os temas postos em questão por eles.

A pesquisa parte de levantamento prévio que identifica temas de interesse de jovens, próprios a seus cotidianos, expostos por eles mesmos em *posts*⁴ na rede social facebook. Num segundo momento, procura-se selecionar filmes publicitários com temáticas relacionadas às presentes nos *posts* dos jovens. Reúne-se, assim, um conjunto de assuntos correlacionados – condizentes ou contraditórios –, provenientes das vivências dos jovens e

¹ Trabalho apresentado no GP Publicidade e Propaganda, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Adjunta do Curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – FABICO – da UFRGS, e-mail: mariangela.toaldo@ufrgs.br

³ Aluna do Curso de Graduação em Publicidade e Propaganda da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – FABICO – da UFRGS, e-mail: vitoria.souza@ufrgs.br. A aluna atuou como colaboradora na produção desse artigo.

⁴ Os *posts* foram coletados na pesquisa nacional Jovem e Consumo Midiático em Tempos de Convergência (JACKS et al., 2014). A pesquisa envolve jovens entre 18 a 24 anos de ambos os sexos, provenientes de níveis econômicos baixos, de todas as capitais brasileiras. Foram analisadas as práticas dos jovens brasileiros no *site* de rede social Facebook, envolvendo 10 jovens em cada capital – cinco rapazes e cinco moças.

da publicidade, com a intenção de submeter à análise de jovens mensagens publicitárias que envolvem questões que lhes dizem respeito, lhes provoca a atenção e a reflexão. *Posts* e filmes são organizados em grupos temáticos, que constituem categorias de análise *a priori* da pesquisa⁵. Posteriormente, são desenvolvidos grupos de discussão⁶ (MÉNDEZ, 2004), em que os filmes de cada categoria são expostos a jovens⁷ a fim de compreender suas percepções sobre as mensagens publicitárias.

Em texto anterior (TOALDO, 2016), apresentado no VII Pró-Pesq PP – Encontro de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda, expõe-se alguns dados da pesquisa a partir de uma de suas categorias de análise – “interações sociais e uso da tecnologia”. Explora-se percepções de jovens gaúchos sobre questões éticas e morais presentes nas abordagens publicitárias referentes à essa temática.

As análises daí resultantes demonstram a compreensão dos jovens de que os filmes publicitários a eles expostos retratam o que acontece na realidade em relação ao uso que as pessoas fazem da tecnologia, especialmente no que se refere aos dispositivos móveis. Expressam vários aspectos a esse respeito que se concentram em dois grandes pontos: as relações virtuais em detrimento das pessoais e as vivências virtuais, muitas vezes, sobrepondo-se às reais. Os jovens desenvolvem uma reflexão sobre a conveniência das condutas expostas nos filmes e as narradas por eles próprios, opinando sobre seu benefício para o relacionamento entre pessoas. O artigo, no entanto, foca-se na percepção dos jovens sobre o tema em geral, expondo mais o que falam das vivências dos outros em torno da tecnologia do que de si mesmos. Os juízos de valor que fazem a respeito das práticas intensas dos outros com a tecnologia, estimula a curiosidade para a observação das suas próprias situações.

A proposta do presente artigo é resgatar o que os jovens falam sobre suas próprias práticas no uso que fazem da tecnologia – em especial do celular e do que acessam através dele –, como se comportam com esse dispositivo e quais os reflexos disso para as relações que desenvolvem.

⁵ As categorias são: interações sociais e uso da tecnologia, padrões sociais, felicidade, humor e veracidade.

⁶ Foram realizados três grupos de discussão, cada um com seis integrantes – um grupo misto, um masculino e outro feminino.

⁷ O perfil desses jovens é o mesmo dos jovens da pesquisa *Jovem e Consumo Midiático em Tempos de Convergência* (JACKS et al, 2014): jovens entre 18 a 24 anos de ambos os sexos, provenientes de níveis econômicos baixos. Essa estratégia, em que cada procedimento é aplicado com grupos distintos de jovens, segue uma indicação de Guillermo Orozco Gomez: em palestra proferida no PPGCOM/UFRGS, em Porto Alegre, 17 de setembro de 2009. O pesquisador defende que, em se tratando do mesmo segmento, não se constitui um problema a investigação ser realizada com indivíduos diferentes, ao contrário, expande o âmbito de análise.

No artigo anterior (TOALDO, 2016), percebe-se que as reflexões de maior complexidade sobre as práticas em torno da tecnologia são inspiradas no filme da empresa Vivo – “usar bem, pega bem”. Em comparação aos outros anúncios que fazem parte da mesma categoria analítica, o filme da Vivo – “usar bem, pega bem” aborda o tema, expondo diferentes tipos de vivências com dispositivos tecnológicos. São cenas que permitem a identificação das práticas expostas no cotidiano real dos indivíduos, especialmente dos jovens, e apresentam os dilemas existentes em cada situação, mostrando quão conflituoso pode ser o uso de dispositivos digitais, quão difícil é tomar certas atitudes diante deles e, por outro lado, conviver com quem os utiliza intensamente.

Pode-se dizer que a publicidade, através do filme Vivo – “usar bem, pega bem” (Figura 1), faz a mediação de questões envolvidas nas relações face a face entre indivíduos, decorrentes do contexto de amplos desenvolvimento e vivência da tecnologia digital. Propõe-se, então, compreender as reflexões que os jovens fazem sobre suas próprias práticas em torno dos dispositivos da tecnologia digital a partir das ponderações propostas por meio das condutas exibidas no filme Vivo – “usar bem, pega bem” (Figura 1).

Pensar as práticas dos jovens significa visualizar suas “maneiras de fazer” (DE CERTEAU, 1994). Segundo De Certeau (1994), as práticas culturais dos consumidores – entre as quais práticas comunicativas e interações delas decorrentes – são do tipo tático. Referem-se a ações calculadas, que não obedecem necessariamente a normas direcionadoras. Constituem “maneiras de fazer”, maneiras de adequar o que já existe a suas situações particulares. Essas maneiras próprias de fazer produzem “estilos de ação” que promovem novos “funcionamentos diferentes e interferentes” (DE CERTEAU, 1994, pp. 92-93), uma vez que se tornam proposições de como fazer, podendo alterar formas de fazer anteriores. Essas novas formas de fazer implicam em novos usos dos objetos, produtos culturais (DE CERTEAU, 1994).

Daí pode-se entender que as práticas culturais são fruto das ações humanas que se configuram e reconfiguram no confronto entre “poderes instituídos” e os sujeitos que, a partir de suas táticas, buscam ajustar-se a seus cenários e circunstâncias. Na sociedade atual, essa reconfiguração ocorre também a partir das possibilidades que surgem com a crescente utilização das tecnologias digitais e a formação de redes telemáticas, as quais potencializam as ações táticas dos sujeitos em um nível planetário (JACKS, TOALDO, OIKAWA, 2016, p.7).

Nesse contexto, pode-se compreender que as práticas dos jovens em torno da tecnologia digital também partem de “maneiras de fazer” instituídas por normas legais, sociais e culturais, mas que eles as adaptam a suas realidades, conformando novos usos dos objetos que consomem, entre os quais, dispositivos tecnológicos e o que acessam através

deles – redes sociais, informações, interações, formas de expressão (linguagem visual, verbal, escrita, etc.) etc. A consideração de que essas “maneiras de fazer”, formas de agir (re)criadas, podem se referir à esfera individual e ao âmbito coletivo (SCOTT, 2010), envolvendo o compartilhar com outros, alerta para os usos delas decorrentes, seus reflexos para os outros e para as relações desenvolvidas com eles – em âmbito real ou virtual.

Os usos dos dispositivos digitais e sua interferência nas relações humanas são justamente questões centrais que tornam o desenvolvimento tecnológico, embora intensamente presente no cotidiano contemporâneo e nas práticas habituais dos indivíduos, objeto de complexo debate. As visões mais tradicionais e pessimistas atribuem às interações mediadas o receio de que promovam relações mais superficiais e prejudiquem àquelas que se desenvolvem face a face, devido às facilidades e aos atrativos que as conexões digitais oferecem. Já os olhares mais otimistas percebem nas interações via dispositivos digitais uma possibilidade de ampliar o conhecimento, permitir conexões e relacionamentos entre um número maior de pessoas. Esses dois âmbitos de análise são indicadores da percepção de que

as mídias digitais estão mudando a natureza de nossas conexões sociais. Com o tempo, quando as pessoas forem se tornando mais acostumadas com as novas tecnologias, tendem a vê-las de maneira diferenciada. Eventualmente, elas se incorporam às nossas vidas de forma a se tornarem quase invisíveis. Esses momentos em que essas tecnologias são novas e as normas de seu uso estão em fluxo oferecem novas oportunidades para pensar sobre nossas tecnologias, nossas conexões e nossos relacionamentos dentre elas (BAYN, 2010, p.3).

Dentre os vários questionamentos possíveis sobre o tema, o foco do presente artigo não está em se as interações mediadas proporcionam de fato comunicação entre pessoas, no nível de qualidade dessas interações para as relações humanas, se promovem relacionamentos reais ou se o que acontece nessas mediações fica apenas na esfera virtual. O que se pretende refletir aqui é em que sentido as práticas de conectividade virtuais – as “maneiras de fazer” nesse âmbito – afetam as relações que acontecem face a face, no contexto de vida *offline* dos indivíduos. Nesse aspecto, as narrativas dos jovens sobre suas práticas oferecem pistas interessantes. Para pensá-las no enquadramento da discussão proposta, esse texto intenciona contribuir, oferecendo a visão de três pesquisadoras que se dedicam a estudar a relação dos jovens com a tecnologia: Nancy Baym (2010), Sherry Turkle (2011) e Danah Boyd (2014).

Nancy Baym, Ph.D, acadêmica e estudiosa norte-americana nas áreas de comunicação e novas mídias, foi Professora de Estudos da Comunicação na Universidade do Kansas e, atualmente, é pesquisadora na Microsoft Research. É uma das fundadoras e

antiga presidente da Association of Internet Researchers. Seu livro *Personal Connections in the Digital Age* (2010) visa oferecer um pensamento crítico sobre os papéis da mídia digital, em particular da internet e do telefone móvel, nos relacionamentos pessoais. Com base em pesquisas teóricas e empíricas sobre como dar sentido às mudanças importantes na vida relacional, realizadas desde a década de 1990, procura compreender como as mídias digitais afetam as relações interpessoais a fim de oferecer enquadramentos para avaliação e entendimento das questões aí envolvidas. (BAYM, 2010).

Sherry Turkle, norte-americana, é Professora de Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). PhD em Sociologia e Psicologia da Personalidade pela Universidade Harvard, suas pesquisas tratam do relacionamento das pessoas com a tecnologia. Em *Alone Together– why we expect more from technology and less from each other*. (2011) reúne resultados de um longo período de acompanhamento de jovens em pesquisa empírica por meio de conversas com eles e observação de suas práticas. Ao investigar a vivência dos jovens com a tecnologia, analisa como se comportam com seus dispositivos e as consequências que esse envolvimento com os mesmos proporciona para suas vidas entre amigos, com a família, com os estudos e outras atividades. Observa que os jovens passam a esperar mais da tecnologia e menos uns dos outros, das pessoas e de si próprios.

Danah Boyd é norte-americana, estudiosa da área de Comunicação, com ênfase em mídias sociais. Em seu livro *“It’s Complicated – the social lives of networked teens.”* (2014), objetiva descrever e explicar a vida virtual dos adolescentes. Trata de diversos aspectos da sua relação com as mídias sociais de um ponto de vista diferenciado: dando voz a eles, observa significados construtivos da tecnologia para suas vidas, desconstruindo argumentos preconceituosos sobre danos causados por ela. Para entender as práticas desses jovens perante a tecnologia, desenvolveu pesquisa empírica em dezoito estados dos Estados Unidos de 2005 a 2012, com adolescentes de diferentes condições socioeconômicas e comunidades étnicas, entre 13 e 18 anos de idade. Além de conversar com eles e observá-los no seu cotidiano, analisou suas práticas no ambiente *online*; abordou, ainda, pais, professores, ministros e outras pessoas que trabalham diretamente com juventude. Apesar da autora trabalhar com adolescentes, muitas de suas observações são válidas às práticas dos jovens comentadas nesse artigo.

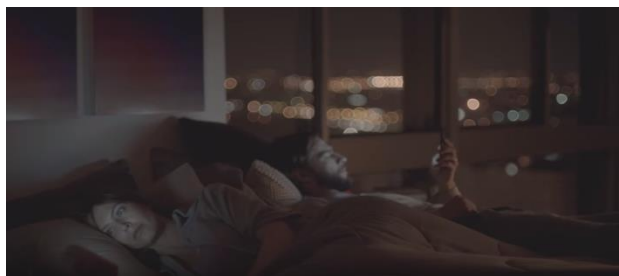
As contribuições das autoras são expostas em meio às narrativas dos jovens sobre seu envolvimento com a tecnologia digital e os reflexos dos mesmos nas relações

interpessoais que desenvolvem. Antes, porém, apresenta-se o filme Vivo – “usar bem, pega bem” (Figura 1), que origina a discussão dos jovens a respeito de suas práticas. O tratamento do filme segue análise axiológica proposta por Orozco (1993), em que a descrição da peça é acompanhada por uma análise preliminar dos conteúdos abordados a partir dos personagens e de situações nas quais se apresentam, identificando-se as idéias principais; depois, parte-se para inferência dos valores implícitos em cada conteúdo, considerando o contexto em que são apresentados.

Em seguida, no intuito de apresentar a percepção dos jovens⁸ a respeito da mensagem publicitária envolvida, expõe-se suas visões sobre a tecnologia e seus dispositivos e a explicitação de suas práticas em torno dos mesmos. A descrição das falas dos jovens é confrontada com as considerações das autoras mencionadas anteriormente.

2- Publicidade e “maneiras de fazer” do jovem em suas conexões digitais e relações face a face

Figura 1: Filme “usar bem pega bem” – Anunciante Vivo – Ano 2015



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?t=1&v=O2eHUI2-AxU>

O filme apresenta variados personagens – jovens, adultos, idosos, crianças, casais jovens e idosos, grupos de amigos e de desconhecidos compartilhando um mesmo ambiente, etc. – em suas situações cotidianas – andando sozinhos, em grupos, em reunião de bar, passeando, em restaurantes, em estação de metrô, em platéia, dirigindo, no quarto de dormir, no balanço, etc. Uma idéia recorrente remete à questão do uso do celular em detrimento das interações entre os presentes no mesmo ambiente. O comercial não apresenta personagens negando ou se opondo a essas interações, mas numa situação de escolha, prestando mais atenção no conteúdo do celular do que às pessoas que estão a sua volta ou mesmo consigo. Muitas cenas transparecem o descontentamento dessas pessoas que são deixadas de lado em função do celular. Os contextos apresentados chamam atenção

⁸ As falas dos jovens são provenientes dos grupos de discussão realizados na pesquisa “Publicidade e Ética – o olhar do jovem sobre questões éticas e morais presentes nas abordagens publicitárias”, comentados anteriormente nesta introdução.

para valores como convivência, o compartilhar, diálogo, com pessoas que dividem o mesmo espaço físico e laços de afeto. Os questionamentos da locução em *off* direcionam a reflexão sobre tais valores: “muito *post* e pouca conversa?”; “digitar é melhor que conversar?” “ou digitar é um novo jeito de conversar?”. O filme deixa um convite a pensar sobre o resgate de tais valores ao perguntar: “O que é certo? O que é errado? O que você acha?” “Vamos falar sobre isso?”. O comercial finaliza com o *lettering*: “pense, discuta, comente”; “usarbempegabem”.

Talvez a característica mais explícita da tecnologia digital seja as facilidades que oferecem à vida das pessoas. Os jovens salientam especialmente nesse sentido o fato de estarem em conexão com outros e a possibilidade de fazerem o que, muitas vezes, não poderiam realizar fisicamente, devido a distâncias e outras dificuldades.

Jovem 9: É que muitas vezes tu não tem o contato com uma certa pessoa...de outra cidade, de outro estado... Tu tem Skype, tu tem celular, WhatsApp, chamada por vídeo... e... facilita bastante. Facebook, também. Bah, facilita muito.; Jovem 10: Meu tio é músico... pro trabalho dele, é vital... pros contatos, pros *shows*, tudo assim. Facilita muito.

Conforme observa Bayn (2010), e testemunham os jovens, a tecnologia aproxima as pessoas e torna as mensagens mais pessoais mesmo à distância. Por outro lado, no entanto, os próprios jovens entendem que as facilidades da tecnologia digital e de seus dispositivos podem acomodar as pessoas, permitindo que resolvam muitas coisas dos seus celulares, por exemplo, e interajam menos com o mundo. Um jovem exemplifica esse tipo de situação: Jovem 11: “(...) é uma chave pra um mundo só teu, que tu pode entrar e sair a hora que tu quiser... tu tá numa reunião daí tu cansa dela e vai fazer o que tu quer.” Sherry Turkle (2011, p. 119) evidencia esse movimento dos jovens em suas pesquisas também, notando que “(...) às vezes as pessoas anunciam sua partida (...) de forma sutil – um olhar de relance no dispositivo móvel durante o jantar ou uma reunião.”

Parte-se, então, para “fazer o que se quer”, segundo o relato do jovem, o que significa entrar no “mundo só seu” e vivenciar outras situações virtualmente enquanto está num determinado lugar que não o entretêm mais. Os dispositivos tecnológicos digitais permitem que os indivíduos “vivam em mundos só seus”, como expõe Bayn: “lares, especialmente em sociedades afluentes, usam mídias para criar privacidade e solidão. Isso acontece em um momento cultural de ascendência do individualismo (LIVINGSTONE apud BAYM, 2010, p.5), no qual as pessoas tendem a voltar-se mais para si próprias do que para o coletivo. Assim, a preocupação com o que lhes interessa – seja na esfera do trabalho, da vida afetiva, do entretenimento, etc. – mantêm os indivíduos em estado de alerta para

seus mundos particulares e os estimula a desagregar-se de situações menos importantes para si.

Boyd (2014), por sua vez, discorda que “viver num mundo só seu” se refira necessariamente a um desejo de viver só. Para a autora, as redes sociais e a esfera digital/virtual como um todo são um ambiente de intenso aprendizado, diversão e sociabilidade para os jovens. Por isso, vivem intensamente lá. Sair mentalmente de um ambiente, uma reunião, por exemplo, significa ir em busca de algo mais prazeroso para si. Para a autora, as redes sociais, por exemplo, atenuam a impossibilidade de estar em lugares que se desejaria estar e que não se pode por algum motivo. “As redes sociais são como novos espaços públicos, muitas vezes os únicos nos quais os jovens podem se congregam facilmente com grandes grupos de amigos. Mesmo que fisicamente cada um esteja em sua casa.” (BOYD, 2014, p.21).

Jovem 10: Tu acorda e... ; Jovem 9: Ah é, pior. Ah, vou deixar no silencioso... Mas deixa no vibrador. Ai vai... “Ah não, mas deixa eu só dar uma olhadinha que tá...” Às vezes as pessoas tão lá num compromisso e já começam : “ah, mas eu preciso ver se tem alguém me chamando”.

Para Boyd (2014), viverem intensamente conectados ao mundo digital não torna os jovens menos sociáveis, tampouco significa que preferem a interação virtual à pessoal – muitos dos jovens entrevistados expressaram que preferem estar com os amigos pessoalmente, mas reconhecem que nos dias atuais isso é complicado. Segundo a autora, há várias questões que prejudicam os contatos pessoais, muitas se referem a limitações externas, entre elas rotina cheia de tarefas e atividades, mobilidade e medo por parte dos pais (BOYD, 2014). A mobilidade é um problema para os encontros pessoais devido às distâncias e, no caso dos adolescentes, à disponibilidade dos pais para levá-los, além do receio que têm sobre os perigos a que seus filhos se expõem em lugares públicos.

Embora a autora se refira a adolescentes, o problema da segurança é comum a todos nesse contexto de violência contemporânea, o que faz com que muitos se restrinjam a seus contextos domésticos para não correrem riscos. A mobilidade e a rotina intensa – seja nos estudos, no trabalho ou em outras atividades – também não são privilégios dos adolescentes. Os jovens em fase de profissionalização, que aliam estudos e trabalho, vivenciam limitações provenientes dessas duas questões. Esses fatores limitam a sua liberdade, concentrando-os em formas possíveis de garantir a sociabilidade.

Curioso notar, contudo, momentos em que estão em companhia de outros, inclusive amigos, e, mesmo assim, não conseguem desconectarem-se de seus mundos virtuais.

Parece que as cenas do filme *Vivo* – “usar bem, pega bem” (Figura 1) inspiram os jovens a refletirem sobre suas próprias práticas nesse contexto.

Jovem 9: (...) é muito estranho. Eu já me peguei várias vezes fazendo isso... Tipo, tô no celular assim... “Não, ‘perai’, deixa eu responder”... Aí eu me ligo: “Pô, mas eu não tô no celular, eu tô conversando com as pessoas”... tipo, “bah, vamo sair no shopping, passear, e tal... ah, não, ‘perai’”... deixa eu olhar uma mensagem que é do grupo da família”. Horrível. E as pessoas não se tocam disso.

Jovem 17: É, até mesmo quando tu chega assim... na casa de uma amiga... “Ah, tem wifi?” ... a gente fez um fora e foi mais ou menos o que aconteceu... mas não foi um cara que pediu o wifi, foi a guria que já ofereceu... é automático, a gente já aceita ...; Daí em vez da gente ficar conversando a gente tá no telefone...

Para Sherry Turkle (2011, p.8), os testemunhos dos jovens atestam que “a tecnologia nos amarra ao mesmo tempo em que promete nos libertar”. Sua promessa de ser “uma chave para um mundo só seu” e de nele encontrar aprendizado, diversão e sociabilidade, muitas vezes de forma mais prazerosa que em outros ambientes, condiciona sua atenção para o que se passa em sua esfera. Sobre esse contexto, os jovens propõem uma reflexão a partir da lembrança do filme *Vivo* – “usar bem, pega bem” (Figura 1):

Jovem 9: A propaganda que passou ali eu achei bem interessante porque as pessoas hoje não têm uma noção do que, tipo, é o certo e o errado. Já virou uma rotina.; Jovem 11: teve que mostrar um outro lado porque tem muitos mostrando um pouco o lado bonito da tecnologia...; Jovem 9: Que seria o conhecimento que a gente consegue adquirir com toda essa tecnologia também. Que ele mostrou ali: “Ah, mas... Tu precisa saber de tudo a toda hora?”. Só que na rua tu tá pesquisando, tu tá na internet, tu se desliga do mundo...

O conhecimento e as informações que adquirem e o pouco tempo disponível para relacionarem-se pessoalmente com outros, são justificativas frequentemente usadas pelos jovens para explicar suas práticas intensas com a tecnologia. Boyd considera essas práticas derivadas da condição de serem “viciados” em informação e a pessoas, o que compreende como normal por fazer parte do ser humano: “vem de um desejo saudável de estar por dentro dos acontecimentos e de se conectar com a sociedade. É natural que quanto mais meios de acesso à conectividade existirem, mais vamos querer usufruí-los.” (BOYD, 2014, p. 92).

Para a autora, o problema do vício nos dispositivos da tecnologia digital (e nas práticas decorrentes deles) e a consequente dispersão, falta de atenção em situações, tarefas, relações e interações no ambiente físico, se deve à intenção de permanecerem conectados aos amigos e aos limites físicos que restringem sua liberdade para alcançarem esse objetivo. Segundo Boyd (2014, p. 80), “a maioria dos adolescentes, portanto, não são viciados às mídias sociais; são viciados uns aos outros”.

A idéia da autora não se justifica quando se trata de jovens com maior independência que os adolescentes e, especialmente, quando já estão entre amigos e,

mesmo assim, não conseguem desligarem-se de seus dispositivos e do que alcançam por meio deles. Nesse sentido, Serry Turkle enfatiza mais a questão da dependência às práticas vinculadas à tecnologia digital do que a vinculação aos amigos em si, pois “as pessoas se juntam mas não se falam entre si. Cada um está concentrado em um dispositivo móvel e nas pessoas que ele acessa” (TURKLE, 2011, p. 119).

Jovem 8: ... às vezes um contato pessoal faz falta. Ahn... as pessoas acham que é comum “ah, tô falando aqui no celular mas tô aqui contigo, só vou responder aqui”. Elas acham que é simples... que tão sendo amáveis, carinhosas com a pessoa do lado... Mas que nem mostrou na propaganda: o casal podia tá muito bem namorando, mas tão ali um do lado do outro, achando que estão presentes, mas no fim eles tão em outros lugares, né?

Jovem 18: Às vezes, eu e minha namorada ... uma coisa que tá acontecendo muito... com o celular, um do lado do outro e se mandando mensagem ... às vezes a gente tá falando um com o outro e... se perde um pouco... se deixa um pouco de lado pra mexer no celular...

Jovem 19: Tu tá vendo TV em casa aí tá com a família na sala aí ninguém conversa, é só...

Bayn se vale da expressão de Kenneth Gergen “desafio da presença ausente” (“challenge of absent presence”) (GERGEN apud BAYN, 2010, p.3), que se refere às situações em que o indivíduo divide momentos com outros no mesmo espaço físico, mas está “mentalmente e emocionalmente engajado em outro lugar”, a outras pessoas, a outras coisas e situações. É o caso das cenas do filme *Vivo* – “Usar bem, pega bem” em que algumas pessoas representam não estar de fato onde se encontram fisicamente: roda de amigos, programas, etc. O mesmo se dá nas narrativas dos jovens em que estão entre amigos, com namorado(a), mas suas atenções estão em outras conexões. “Consideremos, por exemplo, um jantar com alguém imerso em uma conversa no celular. Essa pessoa está fisicamente presente, e simultaneamente ausente. Onde está essa pessoa?” (BAYN, 2010, p. 3)

Turkle (2011, p. 119) propõe pensar nessa questão a partir da reflexão sobre “o que é um lugar se aqueles que estão fisicamente presentes têm sua atenção no ausente?”. Para a autora é como se a situação não existisse, pois não produz significados para seus integrantes, uma vez que estes se encontram em outros lugares que não ali, compartilhando o que acontece naquele momento físico.

Segundo os jovens, esse uso que as pessoas em geral e eles próprios estão fazendo da tecnologia os tornam mais apegados e dependentes de seus dispositivos e os distanciam das práticas concretas que envolvem o convívio físico com outras pessoas. Eles identificam reflexos dessa situação em suas vivências.

Jovem 12: ... tá prejudicando muito a pessoa de falar pessoalmente com a outra... Não consegue mais. Tranca o assunto, né? Daí pega o celular pra sair do assunto porque não consegue ficar conversando verbalmente.

Jovem 10: Já se perdeu um pouco do diálogo, né? ... a coisa de se ver assim.

Jovem 14: chego perto da pessoa... eu travo, tu parece que é um desconhecido.

Jovem 15: Lá em casa é uma coisa assim... meu namorado ... a gente não se chama mais. Por quê? Tão os dois no WhatsApp. Mais quando é uma coisa muito grave e... ele olha se eu tô online e eu olho ele tá online e eu chamo ele assim. Não grito mais, não berro mais... Eu chamo ele por Whats.

Turkle (2011, p.116) observa que “os celulares mudaram a forma como temos encontros e como viajamos”. A autora não se refere apenas aos encontros virtuais, mas mesmo aos pessoais, como narram os jovens. Eles demonstram sentir que desaprenderam um pouco pelo menos a estarem juntos fisicamente, a conversarem pessoalmente e, inclusive, a escreverem, uma vez que o celular facilita a escrita (abrevia as palavras, oferece signos que as substituem e as complementam e/ou as corrigem). O celular é usado como subterfúgio para esses casos (o constrangimento de estar junto e não saber o que fazer naquele momento, não saber o que conversar e como escrever). Os jovens apontam problemas que essa situação causa até mesmo no trabalho e no exame vestibular, quando é preciso demonstrar algumas habilidades (escrever, falar, se expressar, etc.) que estão adormecidas.

Jovem 9: E prejudica em questão de emprego hoje. “Ah, mas eu converso, eu sou boa de diálogo e tal”... Só que chega numa entrevista, por exemplo, a pessoa não consegue... se expressar, sabe? ... a questão da língua portuguesa. ...a gente tá digitando uma coisa ali, daí a gente abrevia muita coisa.

Boyd (2014) observa que ao oferecer mais oportunidades de conexão entre as pessoas, o ambiente digital expõe aspectos positivos e negativos que já existem nas interações. De acordo com a autora, pode-se compreender que os problemas de expressão através da escrita, fala e postura enfrentados, e comentados pelos jovens, refletem carências que os indivíduos já possuem (que, talvez, sejam agravadas pela forma de se comunicar virtualmente). O mesmo se aplica às formas dos indivíduos se portarem frente às pessoas com quem estão interagindo no ambiente físico – deixar de dar atenção para se ater em outro atrativo presente no ambiente virtual.

Curioso notar que um dos principais benefícios do celular, das redes sociais, como o WhatsApp, é justamente facilitar o diálogo entre as pessoas. Mesmo assim, os jovens sentem problemas para conversar entre si, sendo que o utilizam intensamente. Uma jovem comenta: Jovem 9: Só que o problema é que elas dialogam com pessoas de longe e... acabam se esquecendo das pessoas que tão perto; Jovem 10: Assim, do lado (...).

Nesse sentido, expressam as diferenças que percebem entre o conversar pessoalmente e via dispositivos tecnológicos:

Jovem 14: Não sei, parece que tu tá conversando com outra pessoa porque tu não vê essa pessoa...; Jovem 15: Tu tem uma liberdade, assim... pra falar o que tu quiser.; Jovem 13: Pessoalmente é meias palavras.; Jovem 15: Tem coisas que tu conversa no Whats que tu não falaria pessoalmente pra pessoa... Tem coisas que fica mais fácil. A gente tem menos vergonha de falar pelo celular porque tu não tá com a pessoa.

Sherry Turkle assinala que a possibilidade de obter maior controle sobre a forma de interagir com os outros, oferecida pelas tecnologias digitais, não é explorada apenas pelos jovens, assim como estes não são os únicos a se preocuparem com suas inseguranças ao se expressarem numa interação.

Nas empresas, entre amigos, e dentro dos departamentos acadêmicos, as pessoas admitem prontamente que elas prefeririam deixar um voicemail ou enviar um e-mail invés de falar pessoalmente. Alguns dos que dizem “Eu vivo minha vida no BlackBerry” também tentam evitar o comprometimento de uma ligação em tempo real. As novas tecnologias nos permitem determinar a natureza e a extensão do contato humano. (TURKLE, 2011, p.10)

Outro benefício que a possibilidade de controle nas interações oferece para os jovens é evitar o indesejado ou ao que não têm interesse. Como comenta Turkle (2011, pp. 9-10) “a tecnologia torna fácil a comunicação quando nós estamos dispostos e facilita o desengajamento quando queremos. (...) Mensagens de texto oferecem a medida certa de acesso, a medida certa de controle.” Jovem 16: É, e se a pessoa é chata ... não, a gente não fala isso, no WhatsApp não precisa nem ser muito chata, é só bloquear ela por um ano...; Jovem 13: Não responde, eu bloqueio... tem suas vantagens também... (risos)

Bayn (2010) reconhece que a comunicação desprendida da presença permite ao indivíduo administrar suas interações: escolher pessoas com quem se quer interagir, evitar as indesejadas, atendê-las no momento em que se achar mais adequado, escolher o modo mais conveniente de falar determinado assunto e/ou com certa pessoa – por voz diretamente ou gravada, por texto, por imagem, etc. –, pensar no que falar, etc. A ausência da face do outro, ainda, permite que se evite o constrangimento de olhar nos seus olhos, facilitando o tratamento de um tema mais difícil.

Podemos criar novas oportunidades de conversar. Podemos evitar interações, falando em um telefone celular (ou fingindo que estamos falando) para evitar um conhecido co-presente ou deixando as chamadas no correio de voz. Podemos manipular nossas interações, podemos usar mídias não-verbais como mensagens de texto ou e-mails para nos poupar de encontros que podem nos causar ansiedade como flertar ou terminar relacionamentos. (BAYM, 2010, p.4)

A autora alerta, no entanto, que a comunicação digital oferece também aos outros que querem interagir com o indivíduo maneiras de controlá-lo: acompanhar o que divulga

sobre si, sobre fatos e sobre outras pessoas; saber quando vê uma mensagem e que já poderia respondê-la; encontrá-lo em qualquer lugar a qualquer hora – a posse de dispositivos e a instantaneidade das mensagens pressupõe um indivíduo disponível para a interação. Além do que é possível os outros usarem com o indivíduo os mesmos mecanismos de controle das interações expostos anteriormente. (BAYM, 2010)

Por fim, cabe observar que os jovens dizem perceber diferenças entre se relacionar face a face e na esfera virtual, e afirmam usar pouco o celular para suas interações. Por outro lado, quando perguntados sobre como falam com amigos, num grupo de seis, quatro dizem dar preferência aos contatos pessoais e dois assumem usar intensamente o celular e o computador, onde o Whatsapp e o Facebook são os meios mais citados. Suas falas revelam, no entanto, que os contatos acabam ocorrendo mais pelos meios virtuais. Interessante notar que um jovem diz preferir falar pessoalmente, então, não usa o celular para isso, mas quando perguntado sobre como fala com as pessoas, cita o computador e os *sites* de relacionamento Whatsapp e Facebook.

Jovem 4: Eu não uso iPhone, praticamente não uso, mas computador... Bah! Computador eu uso um monte pra jogo. Com as pessoas...pelo WhatsApp, Facebook...

Jovem 2: Eu uso bastante celular. ... eu não tenho tempo quase pra nada. Daí pra eu conseguir falar com as pessoas, só pelo whats.

Jovem 6: Ah... Por WhatsApp.

Parece que a tecnologia digital está tão inserida nas práticas dos jovens que a separação entre o virtual e o presencial – face a face – depende de uma linha tão tênue que não é percebida por eles ou, pelo menos, não é objeto de sua atenção, preocupação.

3- Considerações Finais

É perceptível que as reflexões propostas pelo filme *Vivo* – “usar bem pega bem” (Figura 1) inspiram o desencadear das considerações dos jovens sobre suas práticas de conectividade via dispositivos digitais. O próprio filme instiga a essa reflexão ao perguntar: “o que é certo?”, “o que é errado?”, “o que você acha?”. E se propõem à função mediadora ao sugerir: “vamos falar sobre isso?”, “pense, discuta, comente”. A partir daí, os jovens verificam em suas próprias vivências questões semelhantes e tantas outras que lhes estimulam a pensar em como tais dispositivos afetam suas relações pessoais, face a face.

Entre as condutas expostas pelo filme e as comentadas a partir de suas próprias experiências, algumas questões permeiam de forma significativa o debate dos jovens: a facilidade que as conexões digitais oferecem para aproximá-los de quem está fisicamente distante – ainda que na mesma cidade; o seu condicionamento às práticas que desenvolvem

no ambiente digital via seus dispositivos, desligando-se de outros que estão ao seu redor; reflexos da vivência intensa no ambiente digital em suas vidas – constrangimentos em falar, expressar-se, relacionar-se face a face, mesmo com pessoas do seu envolvimento emocional.

Os jovens se vêem nas cenas do filme e assumem que fazem, muitas vezes, o mesmo. Talvez, o que percebiam menos nesse contexto é que usam os dispositivos para falar com as pessoas próximas tanto quanto criticam quando outros o fazem.

As autoras explicam, ponderam e relativizam as práticas comentadas e vivenciadas pelos jovens. Suas considerações ajudam a refletir sobre os usos que já fazem sobre a tecnologia e seus dispositivos, e a pensar em “novas maneiras de fazer” nesse sentido.

Para ampliar e aprofundar o debate em torno de “conectar mídias digitais com consequências sociais” há a recomendação de “entender as características tanto da tecnologia quanto das práticas que influenciam e emergem em volta da tecnologia” (BAYM, 2010, pp. 48-49). Inclui-se aí a necessidade de compreender o comportamento dos indivíduos – o que os aproxima e o que os afasta física e virtualmente, suas expectativas em relação aos diferentes tipos de outros com que se relacionam e o que dá sentido a suas práticas nos mais diferentes âmbitos. É preciso considerar também todo o entorno cultural, social, econômico e político, suas interferências nos contextos de vivência dos indivíduos. As “formas de fazer” já existentes se manifestam e condicionam identidades, comunicações, interações, relações, etc., embora sempre haja a possibilidade da intervenção criativa do indivíduo e a proposição de suas práticas. Nenhum desses elementos age sozinho e é responsável direto pelos usos em torno dos dispositivos digitais, é a confluência entre eles que produz um resultado, o que difere de contexto para contexto. Como observa Bayn (2010, p. 48-49), não se pode esperar “respostas simples para a questão do que computadores e celulares fazem para as nossas conexões pessoais, (...). Eles fazem muitas coisas e o que eles fazem para cada pessoa depende de muitas forças, e apenas algumas são previsíveis.”

Desse modo, não é possível formular uma conclusão para as questões apresentadas nesse texto, nem defender integralmente visões mais positivas ou mais negativas a respeito do tema. A tecnologia oferece extraordinárias possibilidades de conexões entre os indivíduos, cabe a eles usá-las de forma que privilegiem concretamente as relações que desenvolvem, como observa Turkle: nós não precisamos rejeitar a tecnologia. Nós precisamos colocá-la em seu lugar (2011, pp. 231-232). Para atingir esse objetivo, é preciso

um acompanhamento e uma reflexão contínuos sobre as práticas em torno da tecnologia, pois como sua evolução é progressiva, novas “formas de fazer” vão se criando, se estabelecendo e interferindo nas interações no contexto virtual e face a face. É a partir das observações daí provenientes que se pode compreender o significado do uso dos dispositivos digitais para as relações humanas – o que difere de acordo com os indivíduos, suas relações e o contexto em que vivem, justamente em função das forças que os configuram.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 5ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAYM, Nancy. *Personal Connections in the Digital Age*. UK: Polity Press, 2010.

BOYD, Danah. *It's Complicated – the social lives of networked teens*. UK: Yale University Press, 2014.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
DEVINE, Fiona. Ação racional. In: SCOTT, John

JACKS, Nilda; TOALDO, Mariângela M.; OIKAWA, Érica. Práticas Culturais e Ciber culturais – para pensar a relação com as tecnologias. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.19, n.1, jan/abr. 2016. www.e-compos.org.br | E-ISSN 1808-2599 | p. 1-16.

JACKS, Nilda A. et al. Jovem brasileiro e consumo midiático em tempos de convergência: panorama preliminar In: *XII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación*. Ponencias, Lima: ALAIC, 2014.

MÉNDEZ, Maria Guadalupe Chávez. De cuerpo entero... Todo por hablar de música. Reflexión técnica y metodológica del grupo de discusión. Colima. Universidad de Colima, 2004.
OROZCO, Guillermo. El mensaje de la televisión mexicana em los noventas: um análisis axiológico de la programación de los canales 2, 5, 9, 11 y 13. México: Universidad Iberoamericana, 1993.

SCOTT, John (Org.). *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TOALDO, Mariângela M. Publicidade. Ética – questões a partir da visão de jovens gaúchos. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda, Rio de Janeiro: PUC-Rio, de 18 a 20/05/2016.

TURKLE, Sherry. *Alone Together – why we expect more from technology and less from each other*. New Yorke: Basic Books, 2011.